Pontos de Interrogação
Revista de Crítica Cultural

BY-SA

ISSN: 2237-9681
Recebido: 28 set. 2025
Aprovado: 25 out. 2025
10.30620/pdi.v15n2.p127

ARTIGOS

Manifesto periocrítico sobre Inteligência Artificial e o Sul Global

Gladison Luciano Perosini

Resumo: Este manifesto discute criticamente o avanço da Inteligência Artificial (IA) no contexto do Sul Global e propõe a Periocrítica como abordagem teórico-metodológica para enfrentar as assimetrias produzidas pelas tecnologias algorítmicas. Parte-se da compreensão de que os sistemas de IA não são neutros, mas dispositivos sociotécnicos atravessados por interesses econômicos, ideologias e estruturas históricas de poder que influenciam o acesso a direitos, oportunidades e visibilidade social. Em diálogo com autores clássicos da teoria crítica e pensadores contemporâneos que investigam a colonialidade de dados e os vieses algorítmicos, argumenta-se que a expansão da IA tende a reproduzir dependências históricas e desigualdades estruturais, especialmente nas regiões periféricas do sistema global. Como resposta a esse cenário, apresenta-se a Periocrítica como uma proposta analítica e pedagógica fundamentada em quatro pilares: desnaturalização dos discursos, dialeticidade, circularidade reflexiva e transformação social. Essa abordagem busca formar sujeitos capazes de interpretar criticamente sistemas algorítmicos e intervir nas estruturas que reproduzem desigualdades digitais. Defende-se, assim, a necessidade de fortalecer uma agenda de pesquisa e ação voltada à soberania digital, à formação crítica e à construção de políticas públicas que promovam transparência algorítmica e justiça tecnológica no Sul Global.

Palavras-chave: Periocrítica. Inteligência Artificial. Colonialismo de dados. Soberania digital. Sul Global.

Periocritical manifesto on Artificial Intelligence and the Global South

Abstract: This manifesto critically examines the expansion of Artificial Intelligence (AI) in the context of the Global South and proposes Periocriticism as a theoretical and methodological approach to address the asymmetries produced by algorithmic technologies. It starts from the understanding that AI systems are not neutral, but sociotechnical devices shaped by economic interests, ideologies, and historical power structures that influence access to rights, opportunities, and social visibility. In dialogue with classical authors of critical theory and contemporary scholars who investigate data colonialism and algorithmic bias, it is argued that the expansion of AI tends to reproduce historical

dependencies and structural inequalities, especially in peripheral regions of the global system. In response to this scenario, Periocriticism is presented as an analytical and pedagogical proposal grounded in four pillars: denaturalization of discourses, dialectical confrontation, reflexive circularity, and social transformation. This approach seeks to develop subjects capable of critically interpreting algorithmic systems and intervening in structures that reproduce digital inequalities. Therefore, the manifesto advocates strengthening a research and action agenda focused on digital sovereignty, critical education, and the development of public policies that promote algorithmic transparency and technological justice in the Global South.

Keywords: Periocriticism. Artificial Intelligence. Data colonialism. Digital sovereignty. Global South.

Um chamado urgente do Sul Global e a necessidade da Periocrítica

A Inteligência Artificial (IA) avança em ritmo vertiginoso, apresentada como promessa universal de progresso. Mas, para o Sul Global, essa promessa tem um preço: por trás da celebração hegemônica, a IA funciona também como mecanismo de dominação, prolongando dependências históricas e criando novas formas de subordinação.

Os algoritmos não são neutros. Eles decidem quem tem acesso a direitos, a empregos, a informações e até à visibilidade cultural. Mas, ao fazê-lo, carregam consigo ideologias, colonialidades e exclusões mascaradas de objetividade, como revelaram Noble (2018) e Couldry e Mejias (2019).

Este manifesto afirma sem concessões: a IA é política. É campo de disputa entre emancipação e controle. Num mundo globalmente conectado, mas estruturalmente desigual, não basta consumir tecnologia; é preciso decifrar seus códigos, desnudar seus vieses e confrontar seu poder.

É neste horizonte de urgência e resistência que se ergue a Periocrítica: não como teoria distante, mas como prática viva de análise, confronto e transformação. Uma ferramenta para que o Sul Global deixe de ser apenas usuário de tecnologias impostas e passe a ser autor de sua própria soberania digital.

O diálogo clássico-contemporâneo e as raízes da Periocrítica

Todo conhecimento é situado. Todo saber carrega ideologia. Esta não é uma descoberta recente, mas uma verdade que atravessa a história crítica e sustenta as bases da Periocrítica.

Freire (1970) nos lembrou: é preciso ler o mundo antes de ler a palavra. Não basta decodificar signos; é preciso desvelar estruturas. Hoje, esse chamado ecoa na análise de Noble (2018), que mostra como mecanismos de busca vendidos como neutros reforçam racismo, desigualdades e exclusões travestidas de objetividade.

Bakhtin (1981) já havia alertado: a linguagem é sempre dialógica, feita de vozes em tensão. Assim também são os algoritmos: não códigos inertes, mas textos ideológicos, que exigem leitura crítica. Couldry e Mejias (2019) atualizam essa denúncia ao nomear o "colonialismo de dados": experiências humanas transformadas em matéria-prima para a exploração digital, sobretudo no Sul Global.

Gramsci (1975) apontou que a hegemonia não se sustenta apenas pela força, mas pelo consenso. Essa reflexão ganha novos contornos no contexto das tecnologias digitais quando considerada à luz do conceito de necropolítica formulado por Mbembe (2021), que analisa os mecanismos de poder responsáveis por definir quem pode viver e quem pode morrer em determinadas estruturas sociais. No cenário contemporâneo, tais dinâmicas podem ser observadas também em sistemas algorítmicos que influenciam processos de inclusão, exclusão e visibilidade social. O que se impõe, portanto, é a urgência de um diálogo entre clássicos e contemporâneos, reafirmando a necessidade de uma pedagogia crítica e da Periocrítica como instrumento teórico e prático para enfrentar os dilemas da era da Inteligência Artificial.

A teoria periocrítica: fundamentos, pilares e validação

A Periocrítica nasce no cruzamento entre crítica social, pedagogia e tecnologia. É teoria e é método, forjada a partir das necessidades do Sul Global. Sua missão é clara: formar sujeitos capazes de decifrar, confrontar

e transformar os discursos e dispositivos de poder que atravessam a vida social, especialmente os algoritmos que hoje decidem quem tem voz, quem é visto e quem é silenciado.

O próprio nome traduz sua essência. *Peri-* significa circularidade; crítica é exame e análise. Não se trata de uma leitura estática do mundo, mas de um movimento incessante, um processo espiralado que nunca retorna ao mesmo ponto, porque cada ciclo aprofunda, ressignifica e amplia a compreensão da realidade. A Periocrítica rompe a prisão do olhar único e abre passagem para a circulação entre perspectivas, para o confronto de ideias e para a síntese emancipatória.

Seus fundamentos repousam em quatro forças inseparáveis. A primeira é a desnaturalização: nenhum discurso é neutro, seja político, midiático, algorítmico ou pedagógico; todos carregam intenções e vieses, e a Periocrítica desnuda essas camadas, revelando o poder que nelas se esconde. A segunda é a dialeticidade: as ideias precisam se chocar, porque do embate entre o senso comum e a análise crítica emerge o conhecimento mais denso e transformador. A terceira é a circularidade: o pensamento retorna ao ponto de origem, mas não no mesmo nível; cada volta acrescenta profundidade e ressignificação, criando um processo sem fim de amadurecimento crítico. E, por fim, a transformação: compreender não basta. A Periocrítica exige que o saber se converta em prática, que a crítica se torne ação emancipatória, capaz de romper estruturas de dominação e construir horizontes de justiça.

Nessa perspectiva, a Periocrítica se concretiza como práxis viva. Dialoga com Paulo Freire, mas vai além. Se ele ensinou a ler a palavra e o mundo, a Periocrítica amplia o horizonte e convoca a ler também os algoritmos, as métricas e as narrativas digitais, compreendendo-os como novos textos carregados de ideologia e disputas de poder.

Esse movimento já começa a encontrar espaço no debate acadêmico. Trabalhos recentes do próprio autor (Perosini, 2025a, 2025b) apresentam os fundamentos teóricos e as possibilidades de aplicação da Periocrítica, contribuindo para sua sistematização como abordagem analítica voltada à formação crítica na educação contemporânea. Esses estudos apresentam a Periocrítica como uma abor-

dagem que sistematiza ciclos reflexivos, analisa limites das metodologias ativas e da própria pedagogia crítica no que se refere à recorrência da reflexão, e propõe a Periocrítica como uma possibilidade de aprofundamento dessas abordagens.

O presente manifesto, portanto, não é apenas uma exposição teórica. É ato inaugural de consolidação. É o chamado do Sul Global para que a Periocrítica seja reconhecida como resposta robusta e urgente à colonialidade digital e aos desafios da educação contemporânea.

Inteligência Artificial como texto ideológico: uma leitura periocrítica

A Periocrítica sustenta uma compreensão radical da Inteligência Artificial: ela não é apenas um conjunto de ferramentas técnicas, tampouco um avanço neutro da engenharia. A IA deve ser lida como um texto ideológico, carregado de narrativas ocultas sobre o que é considerado legítimo, verdadeiro, relevante e até moralmente aceitável. Tornar visível esse texto invisível é o primeiro passo para a emancipação e para a construção de uma soberania digital no Sul Global.

A IA é um sistema sociotécnico, e não apenas técnico. Ela reflete e reforça estruturas de poder históricas. Quando sistemas de reconhecimento facial falham em identificar corretamente pessoas negras ou mulheres (Buolamwini e Gebru, 2018), não estamos diante de simples falhas de programação, mas da reprodução digital de séculos de exclusão e preconceito. O mesmo ocorre quando algoritmos de crédito punem desproporcionalmente pobres e minorias, ou quando plataformas de moderação silenciam vozes dissidentes do Sul Global. Não são erros neutros: são mecanismos de controle, travestidos de eficiência, que prescrevem realidades em benefício de poucos e em detrimento de muitos.

O "colonialismo de dados" (Couldry e Mejias, 2019) é expressão máxima desse processo. A vida das pessoas, sobretudo nas periferias globais, é capturada, convertida em dados e explorada como insumo bruto para fortalecer as grandes corporações tecnológicas. Trata-se de uma nova forma de espoliação, na qual experiências humanas são transformadas em capital sem retorno, sem justiça, sem soberania.

Essa lógica pode ser compreendida à luz do conceito de necropolítica, formulado por Mbembe (2021), que analisa os mecanismos de poder responsáveis por definir quem pode viver e quem pode morrer em determinadas estruturas sociais. Em estudos contemporâneos sobre tecnologias digitais, esse referencial tem sido mobilizado para interpretar criticamente os efeitos políticos de sistemas algorítmicos que influenciam processos de inclusão, exclusão e visibilidade social.

Por isso, o trabalho educativo no Sul Global não pode tratar a IA como mera ferramenta a ser usada. Ela precisa ser transformada em objeto pedagógico central: algo a ser lido criticamente, debatido coletivamente e ressignificado como espaço de emancipação, não de submissão. A Periocrítica convoca educadores e educandos a se tornarem leitores proficientes desse texto algorítmico, capazes de desconstruir suas intenções implícitas e de construir alternativas que expressem seus próprios valores, histórias e horizontes.

Um chamado coletivo para a soberania digital do Sul Global

Convocamos pesquisadores, professores, estudantes, ativistas e movimentos sociais a se unirem em torno da Periocrítica como teoria de resistência e criação. Nosso objetivo é inequívoco: transformar a Inteligência Artificial de ferramenta de dominação e perpetuação de desigualdades em espaço de emancipação, justiça social e soberania tecnológica para o Sul Global. Este manifesto não é apenas uma declaração; é uma convocação à ação, à colaboração e à construção coletiva de um futuro digital mais equitativo.

Concretizar essa visão exige compromissos imediatos. É urgente desenvolver currículos críticos que integrem a Periocrítica em todos os níveis de ensino, da educação básica à pós-graduação, formando gerações capazes de compreender, questionar e intervir nos sistemas algorítmicos. Isso significa criar disciplinas, módulos e projetos interdisciplinares que abordem ética da IA, justiça algorítmica e os impactos sociais da tecnologia desde a perspectiva do Sul Global.

É igualmente essencial investir na formação de educadores e multiplicadores. Professores e professoras precisam ser equipados com ferramentas teóricas e metodológicas da Periocrítica para se tornarem agentes de transformação em suas comunidades. Isso implica programas de formação continuada, seminários e redes de colaboração que disseminem práticas pedagógicas inovadoras.

O avanço também depende do fomento à pesquisa e à produção de conhecimento crítico. É preciso fortalecer investigações acadêmicas sobre a Periocrítica e suas aplicações, especialmente no campo da IA e no contexto do Sul Global, produzindo artigos, livros e materiais didáticos que consolidem seus fundamentos e apresentem experiências práticas. Essa pesquisa deve ser, necessariamente, interdisciplinar: educação, sociologia, ciência da computação, direito, comunicação e outras áreas devem dialogar em torno de uma agenda comum de emancipação digital.

Nenhuma transformação, porém, será completa sem a articulação direta com movimentos sociais e comunidades. A Periocrítica deve ultrapassar os muros da academia para se tornar ferramenta de empoderamento popular, ajudando comunidades a identificar formas de opressão algorítmica e a criar suas próprias soluções tecnológicas e narrativas digitais.

Por fim, é indispensável lutar por políticas públicas que garantam soberania digital, proteção de dados, transparência algorítmica e inclusão digital no Sul Global. Essa luta envolve participação em debates legislativos, elaboração de propostas e mobilização da sociedade para exigir regulamentações que priorizem o bem-estar coletivo acima dos interesses corporativos.

Este manifesto é, assim, uma enunciação coletiva contra a hegemonia algorítmica. É a voz do Sul Global pela soberania digital e pela formação de sujeitos capazes de reinventar suas realidades e construir um futuro em que a tecnologia sirva à emancipação humana. A Periocrítica é o nosso farol nessa travessia: guia que ilumina a compreensão e impulsiona a ação diante dos desafios da era da Inteligência Artificial.

Desafios e agenda de pesquisa futura para a periocrítica

A consolidação da Periocrítica diante da Inteligência Artificial e do Sul Global não se fará sem enfrentar obstáculos reais. Reconhecer esses desafios é o primeiro passo para superá-los e transformar a teoria em práxis viva. Ao mesmo tempo, é indispensável projetar uma agenda de pesquisa que mantenha a Periocrítica como campo dinâmico, inovador e resistente às forças da colonialidade digital.

O primeiro desafio é estrutural. Em muitas regiões do Sul Global, a infraestrutura tecnológica é precária, e o acesso à internet e a dispositivos digitais continua limitado. Isso cria barreiras ao exercício da leitura crítica de algoritmos e à produção de soluções próprias. A Periocrítica deve, portanto, aprender a florescer também em contextos de baixa conectividade, oferecendo caminhos de inclusão digital que não dependam exclusivamente de recursos de ponta.

Outro desafio é pedagógico. Formar educadores periocríticos implica romper paradigmas, enfrentar resistências e superar a inércia institucional. Não basta transmitir conceitos: é necessário estimular experimentação prática, reflexão sobre a própria docência e construção de uma cultura de inovação pedagógica que desafie a passividade.

Há ainda o desafio técnico. A maioria dos algoritmos permanece como caixas-pretas, opacas ao olhar público. A Periocrítica precisa desenvolver metodologias próprias para desvelar esses sistemas, mesmo sem acesso ao código-fonte. Isso exige auditorias algorítmicas, análise de resultados, parcerias interdisciplinares com cientistas da computação e a criação de ferramentas que garantam transparência e responsabilidade social.

Mas há também horizontes a conquistar. Para consolidar-se, a Periocrítica deve avançar em pesquisas empíricas que comprovem sua eficácia em escolas, universidades e comunidades. É urgente a realização de pesquisas-ação, projetos de extensão e estudos de impacto que demonstrem seu potencial transformador. É igualmente essencial a produção e disseminação de materiais didáticos, planos de aula, guias curriculares, ferramentas de análise que coloquem a Periocrítica em circulação concreta, do ensino básico à formação de ativistas digitais.

Esse movimento exige diálogo constante com outros campos: estudos decoloniais, economia política, comunicação, ciência e tecnologia, direito digital. A Periocrítica não pode ser ilha; precisa ser rede. Uma rede que una pesquisadores, professores e movimentos sociais de todo o Sul Global em torno de um intercâmbio de experiências, construindo uma frente coletiva de resistência e criação.

E o futuro já nos convoca. A IA generativa, o metaverso e a internet das coisas estão em expansão acelerada. Neles se escondem novas formas de exploração, mas também possibilidades inéditas de emancipação. A agenda da Periocrítica deve antecipar essas transformações, garantindo que a tecnologia do amanhã não seja instrumento de submissão, mas terreno fértil de justiça social e equidade.

O horizonte é claro: a Periocrítica não é apenas uma resposta do presente, mas uma aposta no futuro. Uma aposta de que o Sul Global pode transformar a crítica em ação e fazer da tecnologia não um mecanismo de opressão, mas um caminho de libertação.

A Periocrítica é o farol do Sul Global: transforma crítica em luta, decifra algoritmos de poder e convoca a reescrever o futuro para que a tecnologia sirva à vida, nunca à dominação.

Referências

BAKHTIN, M. *The Dialogic Imagination*: Four Essays. Austin, London: University of Texas Press, 1981.

BUOLAMWINI, J.; GEBRU, T. Gender shades: intersectional accuracy disparities in commercial gender classification. *In:* CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY, 2018, New York. *Proceedings* [...]. [S.l.]: MLR Press, 2018. v. 81, p. 1-15. Disponível em: https://proceedings.mlr.press/v81/buolamwini18a/buolamwini18a.pdf. Acesso em: 13 fev. 2026.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. *The Costs of Connection:* How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GRAMSCI, A. *Quaderni del Carcere.* Torino: Einaudi, 1975. 4 v.

MBEMBE, A. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 3. ed. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2021.

NOBLE, S. U. *Algorithms of Oppression:* How Search Engines Reinforce Racism. New York: New York Univeristy Press, 2018.

PEROSINI, G. L. Periocritica: uma abordagem sistêmica de reflexão e emancipação crítica na educação contemporânea. *Revista Caminhos da Educação — Diálogos, Culturas e Diversidades*, Teresina, v. 7, n. 1, p. e01-20, 2025a. Disponível em: http://doi.org/10.26694/caedu.v7i1.6437. Acesso em: 15 fev. 2026.

PEROSINI, G. L. Periocritica como eixo estruturante da formação crítica de educadores e educandos. *Revista Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas*, Manaus, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2025b. Disponível em: https://doi.org/10.29280/rappge.v10i1.17951. Acesso em: 15 fev. 2026.